

“Conselhos estúpidos”

“New Scientist”

e da Reportagem Local

A Amazônia pode ser uma região agrícola produtiva; os ecologistas precisam rever alguns dos princípios sobre a conservação da diversidade de espécies da região.

A conclusão é de uma reportagem de capa da revista de divulgação científica britânica “New Scientist” sobre a exploração agrícola da Amazônia.

O tema da reportagem foi sugerido por um agrônomo brasileiro do Ministério da Agricultura que, em uma outra entrevista, há anos, havia protestado contra os principais lugares-comuns sobre a região ditos por ambientalistas e burocratas de países estrangeiros.

Na introdução da reportagem, foram reproduzidas as palavras do agrônomo — cujo nome não é citado —, com as quais concordou. A revista diz que o investimento em pesquisa de agricultura tropical é minúsculo, se comparado aos realizados para desenvolver a agricultura em países frios, e que as pradarias dos EUA, hoje riquíssimas, já foram consideradas impréstitáveis para a agricultura.

Leia, a seguir, os comentários do agrônomo brasileiro.

★
“Um repórter da área científica. Acho que você é como os cientistas ou como os burocratas do Banco Mundial que vêm aqui. Todos tentam nos impedir de explorar a riqueza da Amazônia. Que arrogân-

cia! Vocês já destruíram todas as florestas dos seus países e agora vêm nos ensinar sobre o ambiente!

“Imagine que a história do mundo tivesse sido diferente. Que a explosão do conhecimento científico e a revolução agrícola tivessem ocorrido num país tropical. Imagine que os séculos de experimentos de cientistas e fazendeiros para desenvolver a agricultura nos países temperados (como Europa e EUA) tivessem ocorrido nos trópicos. A Amazônia seria agora o celeiro do mundo e o Brasil seria o país mais rico da Terra.

“Em vez de seus ecologistas virem aqui com seu nonsense romântico, seriam os nossos que estariam oferecendo conselhos indesejados a vocês. Nós visitaríamos as imensas pradarias dos Estados Unidos, como vocês visitam a Amazônia, e diríamos que não é possível desenvolver plantações por lá. Diríamos que os invernos são muito duros e que não há nutrientes suficientes no solo para possibilitar colheitas regulares. Diríamos que a única esperança é aprender com os índios. Que vocês deveriam deixar intocadas as pradarias e caçar um número limitado de búfalos por ano, segundo estritos princípios ecológicos. Diríamos que, se vocês tentassem fazer algo diferente, o ecossistema seria destruído para sempre.

“Se a história fosse diferente, teria acontecido isso. Nós estaríamos lhes dando conselhos estúpidos. Mas nós não vamos ouvi-los e vamos desenvolver a Amazônia.”

Receita de agricultura tropical

da “New Scientist”

Quando o explorador alemão Alexander von Humboldt visitou a Amazônia no século passado, ficou impressionado com a fertilidade da floresta. Estava convencido de que a região se tornaria facilmente o celeiro do mundo. O motivo parecia óbvio. Aqui, as árvores levam só um ano ou dois para atingir vários metros de altura.

Mas as aparências enganam, nos explica o ecologista Dan Nepstad, do Centro de Pesquisa Woods Hole de Massachusetts (EUA). Pelo menos no curto prazo, diz Nepstad, as plantações precisam de muito mais nutrientes do que as árvores da floresta. Para que o cultivo seja possível, os agricultores precisam cortar e queimar novas áreas de floresta todos os anos para obter mais nutrientes para o solo. Quando a plantação cresce, o nível de nutrientes cai, as ervas daninhas se espalham e os agricultores são obrigados a se mudar.

Konrad Vielhauer, um dos coordenadores de um projeto germano-brasileiro para investigar como intensificar a agricultura do corta-e-queima, nos explica que o problema é o solo, que foi privado de nutrientes por causa da própria evolução ambiental da região. A floresta só pôde florescer porque as árvores se adaptaram à baixa concentração de nutrientes.

Plantações anuais, como o milho ou o arroz, precisam dos nutrientes das queimadas. Mas a técnica é ineficiente, pois transforma uma grande quantidade desses nutrientes das árvores em fumaça.

Despensa reciclável

Os nutrientes biologicamente disponíveis se acumulam exclusi-

vamente na camada orgânica do solo — a camada de restos de árvores e de folhas que o recobre. “As árvores vivem de seus próprios restos. É um sistema de reciclagem eficiente”, diz Vielhauer. Um exército de pequenos seres vivos do chão da floresta corta, digere e transforma os restos das plantas em “adubo”. O corte das árvores elimina, portanto, o suprimento dessa camada “adubadora”.

Vielhauer realiza no Pará experimentos para verificar qual a técnica mais eficiente de derrubada da mata para a agricultura. Em vez de queimá-la, o pesquisador está simplesmente picando as árvores para que elas sirvam de “adubo”.

Outro método é o de enriquecer o pousio (isto é, as terras que “descansam” após as colheitas).

Nas terras cansadas depois de um ou dois anos de colheita, árvores e arbustos crescem numa velocidade espantosa para um solo tão pobre. Algumas dessas árvores, leguminosas, fixam nitrogênio no solo a partir do ar e absorvem nutrientes através de suas raízes, mais profundas do que as das plantas cultivadas. Elas também podem buscar fontes de fósforo que são inacessíveis às raízes curtas do milho, por exemplo.

O problema, explica Vielhauer, é que a demanda de terra é cada vez maior — os agricultores pobres não têm condições de esperar que as árvores cresçam o suficiente até terem fixado mais nutrientes.

Uma alternativa é manejar o pousio. Em vez de deixar a floresta crescer naturalmente antes de cortá-la, deve-se plantar certas árvores que fazem com que a terra se recupere mais rapidamente. Vielhauer fez essa experiência.

Num terreno que descansava ha-

via cinco anos, as árvores foram cortadas e queimadas para o plantio de milho. Depois da colheita, os pesquisadores deixaram a terra descansar por mais dois anos. Num parte desse terreno, no entanto, foram plantadas acácias, árvores leguminosas.

Na terra que descansou por dois anos com as acácias, havia muito mais biomassa (matéria de origem vegetal) do que em um terreno que havia sido deixado a si próprio, descansando naturalmente.

Colheita na floresta

O ecologista Antônio Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, nos diz que a agricultura amazônica “está condenada ao fracasso, a menos que seja baseada numa estrutura ecológica”.

“Durante anos, os agrônomos têm vindo à Amazônia com o objetivo de ‘domar’ a natureza. Em parte, essa é a atitude dos agrônomos mais acostumados a regiões temperadas (mais frias)”, diz Nobre. Nos países com invernos rigorosos, todos os anos as pragas são mortas ou controladas naturalmente. Nesses lugares, a riqueza do sistema está no solo e não na vegetação, explica o agrônomo.

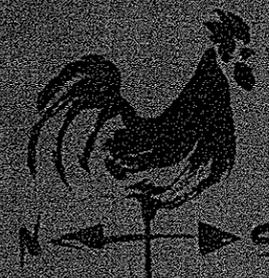
Nos trópicos úmidos, a história é muito diferente, diz Nobre. Os nutrientes disponíveis estão nas árvores — não no solo — e não há inverno. Talvez o problema da terra pobre e das pragas pudesse ser resolvido com fertilizantes e pesticidas. “A questão é: quem vai pagar? O problema não é tecnológico. A Nasa pode fazer crescer tomates numa nave espacial, mas um quilo desses tomates custa muito caro.”

A alternativa, diz Nobre, é copiar os “métodos” da floresta e combinar árvores e plantações.

Segundo João Matos, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária em Manaus, o sistema floresta-plantações tem vários benefícios. As árvores alimentam o solo com seus restos e nitratos. Cerca de 20% a 30% das árvores da floresta tropical são leguminosas e retiram nitrogênio do ar e o fixam no solo.

As raízes das árvores também tornam o solo mais “fofo” para as raízes das plantações. Suas copas protegem vegetais como o milho do sol escaldante. De resto, elas podem fornecer frutas, nozes, alimento para o gado, lenha e, por fim, borracha. Melhor ainda, mantida uma certa diversidade de espécies de árvores, aumenta a resistência do sistema contra pragas.

SEU ANÚNCIO NA FOLHA SUDESTE CHEGA EM ITU. E COMO O ASSUNTO É MANIA DE GRANDEZA, CHEGA TAMBÉM EM MAIS 55 CIDADES.



CADERNOS REGIONAIS DA FOLHA DE S. PAULO
Folha Sudeste chega em Campinas e mais 55 cidades